



ENTREVISTAS COM HISTORIADORES QUE PRODUZEM/PRODUZIRAM PESQUISAS SOBRE MT/MS

ENTREVISTADO – Eudes Fernando Leite

EQUIPE RESPONSÁVEL PELA ENTREVISTA

Grupo PET-História Conexões de Saberes, da UFMS Campus de Três Lagoas

Coordenador: Prof. Dr. Vitor Wagner Neto de Oliveira

Responsável por esta entrevista: Vitor Wagner Neto de Oliveira

Colaboradora: Profa. Dra. Maria Celma Borges

O historiador mato-grossense **Eudes Fernando Leite**, docente da Faculdade de Ciências Humanas da UFGD, fala da sua formação acadêmica, desde a graduação em Licenciatura em História na UFMS de Aquidauana (1991), ao mestrado (1994) e o doutorado (2000) em História na UNESP de Assis. Fala ainda de sua experiência de pesquisa no estágio Pós-doutoral. Na entrevista dada ao PET-História o professor nos conta da sua produção acadêmica e analisa a historiografia produzida em MT/MS e sobre ambos os estados.

FORMAÇÃO ESCOLAR E ACADÊMICA

Pergunta PET: Professor, de sua origem familiar e onde nasceu, como era este lugar.... Nos conte sobre o seu modo de vida e o trabalho de seus pais e demais familiares, a fim de entendermos parte de sua história de vida.

Resposta Eudes Leite: *Nasci em Aquidauana, em 1968. Sou mato-grossense. Meu pai, já falecido, trabalhou em fazenda-de-gado durante boa parte de sua vida. Minha mãe sempre esteve ao seu lado, nas mais variadas atividades do mundo do trabalho e, além disso, sendo mãe, ou seja, cuidando dos filhos – tenho um irmão mais novo – e da casa. Meu pai estudou até a quarta-série, enquanto minha mãe não avançou além da segunda. Como ela fazia parte de uma família de nove irmãos, cujos pais morreram muito cedo, fora criada por pais adotivos, os quais não viam necessidade de que uma mulher estudasse. Ao contrário, ela fora praticamente impedida de estudar, sob a alegação de que a escola proporcionaria o aprendizado de “coisas erradas”. Ambos sempre trabalharam muito, para ficarem com quase nada! A origem de minha família e, conseqüentemente a minha também, é o campo, o velho sertão de Mato Grosso. A mudança de meus pais para a cidade de Anastácio, em meados da década de 1970, decorreu do fracasso das atividades de criação de gado em que meu pai estava envolvido. Hoje sei que essa situação se circunscreveu ao contexto de mudanças complexas na economia brasileira, as quais aceleram a migração do campo para cidade.*

PET: Como foi sua formação no ensino médio, como eram as escolas em que estudou, os professores, e o gosto ou não pela História.

Eudes Leite: *Sempre estudei em escolas públicas. Iniciei meus estudos em uma escola rural, às margens do Rio Miranda, em uma turma multiseriada. Comecei a ler por ali. Aliás, meu interesse pela leitura decorre do seguinte: quando meu pai trazia as compras da cidade, as garrafas eram enroladas em folhas de jornal e eu sempre ficava impressionado com os quadrinhos, os desenhos, sem saber o conteúdo dos diálogos. Minha mãe lançava mão de sua parca capacidade de leitura e traduzia o texto, o que me satisfazia momentaneamente e ampliava a curiosidade. Depois, fomos morar na cidade e passei a estudar numa escola municipal, chamada “Maria Corrêa Dias”. As aulas começavam às 7 horas e iam até as 9 ou 9 e 30, para dar lugar a outra turma, o que se repetia no período vespertino. Fiquei ali cerca de 2 ou 3 meses e fui transferido para uma escola estadual, o “Teodoro Rondon”, onde cursei todo o primário. Depois, fui para a escola “Roberto Scaff”, instituição escolar na qual completei o primeiro grau e cursei o segundo-grau. Foram nas aulas de História, do segundo-grau, que dei início a minha curiosidade pela área de humanidades, especialmente por História. Lembro que ainda tínhamos aulas de Educação Moral e Cívica e Ensino Religioso: a primeira era uma amontoado de bobagens e a segunda um conjunto de “imprestabilidades”. Por outro lado, as aulas de História ministradas por um professor que hoje classifico como “conservador”, primavam por um conhecimento possível a respeito do que se foi. Penso que as aulas de Geografia contrabalançavam a leitura conservadora das de História. O professor Luiz Carlos Batista (ainda hoje, docente da UFMS) acabara de chegar à região e suas aulas eram carregadas de um viés ideológico da esquerda de então; mas me chamava muito a atenção, o conjunto de debates a respeito de temas contemporâneos (crises no Oriente-Médio, inflação, desemprego, pobreza, entre tantos outros tão afeitos ao período), o que alimentava a fome por saber mais e melhor. Eu possuía certo ativismo, dentro do possível: atuei nos “centros cívicos”, uma invenção da época e que às vezes exercia a tarefa de organizar o Movimento Estudantil, mas ideologicamente era algo primário. Estudava no período matutino – não aprecio o período vespertino até hoje – e à tarde trabalhava com meu avô, Ramão Ireno Leite, auxiliando no fabrico de linguiça: iniciávamos por volta das 12 horas e até as 16, enchíamos cerca de 100 a 120 quilos de linguiça. Ele, eu e um amigo já falecido, Liel Paim Mendes. Fiz isso por cerca de 4 anos. Trabalhei como moleque faz-tudo em uma papelaria, cujo proprietário era um de meus tios, trabalhei também numa banca de revistas e jornais, ambas em Aquidauana. Depois trabalhei num Banco cerca de 3 ou 4 anos. Trabalhei outros 3 anos na Prefeitura de Anastácio. Saturei com o trabalho na Prefeitura, principalmente com as pressões políticas, principalmente em 1989, no período que antecedeu às eleições que levaram Collor à presidência da República.*

PET: Fale em que momento tomou a decisão de fazer Licenciatura em História na UFMS de Aquidauana e quais os motivos que o levaram a escolha desta área das Ciências Humanas, em 1987.

Eudes Leite: *Como mencionei antes, essa decisão foi se formando ao longo do curso secundário. Não é impróprio dizer, igualmente, que meus horizontes não eram tão ampliados. Certamente esse aspecto auxiliou na escolha. Aquidauana, considerando juntamente a cidade de Anastácio, é uma cidade antiga e com certa simpatia, mas sempre foi provinciana e conservadora. As opções culturais eram limitadas e um curso de Ciências Humanas, com uma forte dose de ideologia associada ao entendimento de que o conhecimento é algo de relevo se prestam a entender a minha opção pela História. Hoje, penso que construí e nutri muitas desconfianças em relação às explicações essencialistas, frágeis desde sempre. Nunca me convenci de informações e afirmações que sustentam que determinada situação ou condição se estabeleceu fora das relações sociais ou a margem de interesses pessoais. O ser humano é traquitana criativa demais para se deixar manusear de forma passiva.*

PRODUÇÃO ACADÊMICA

PET: No mestrado em História, concluído em 1994 com a dissertação *Aquidauana: A toga, a baioneta e a utopia nos entremeios de uma pretensa revolução* (publicado pela UFGD em 2009), o seu interesse de pesquisa era em relação à História Política de um período (Ditadura civil-militar) ainda hoje pouco visitado pelos historiadores, especialmente no Mato Grosso. Como você chegou a este tema de pesquisa?

Eudes Leite: *Esse tema relaciona-se a minha história de vida. Vez ou outra escutava que meu avô-materno – na verdade ele se tornou avô pelo viés da história, pois adotara a minha mãe – tinha sido preso e ficara um tempo detido no 9º. Batalhão de Engenharia e Combate, em Aquidauana. Eu não compreendia muito bem aquela narrativa. Na faculdade, fiz Iniciação Científica, sob a orientação do professor Cláudio Vasconcelos e a pesquisa foi a respeito do Movimento Estudantil no então CEUA, especificamente sobre a criação do Diretório Acadêmico Dóris Trindade. Nesse processo, me detive em algumas leituras sobre a Ditadura e a “conversa” da prisão de meu avô reapareceu. Disso resultou o meu anteprojeto de pesquisa. Eu não fui aprovado na primeira seleção para ingresso no Programa da UNESP, em Assis. Iniciei, em seguida, um curso de especialização em História da América no CEUA e, no ano seguinte, em 1992 após nova seleção, ingressei no Mestrado na UNESP.*

PET: Entre as fontes utilizadas para a pesquisa você lançou mão de entrevistas. Como se deu o contato com os entrevistados e as entrevistas considerando o tema da Ditadura em uma cidade interiorana em que as relações, suponhamos, são mais íntimas entre pesquisador e objeto/sujeitos históricos?

Eudes Leite: *A metodologia da História Oral foi de fundamental importância para o meu trabalho de Mestrado, tal como foi para a Tese de Doutorado. Como já aponte, meu avô materno foi responsável por oferecer as informações primeiras do que ocorrera em Aquidauana. A partir das informações por ele fornecidas foi possível identificar outras pessoas e, em seguida, realizar as entrevistas, algumas delas marcadas pela emotividade por parte do entrevistado, por razões óbvias, mas portadoras de informações já bastante trabalhadas pelo processo memorativo e certamente eivadas de reflexões a respeito daquele acontecimento. O trabalho de entrevista me levou a um caminho sem retorno que é aquele com acontecimentos que permitem ouvir pessoas que a historiadora Danielle Voldman denomina de “pessoas de pouco brilho na história nacional”, impondo ainda a necessidade de estabelecer uma prática de reflexão no âmbito da Teoria da História e da Epistemologia do Conhecimento. A década de 1990 foi marcada por debates acerca da então chamada História Oral: basicamente se discutia se a História Oral poderia ser um outro tipo de História, em relação ao modelo de História acadêmica. Hoje, creio que está bastante claro para nós que trabalhamos com entrevistas que a história oral tem a ver com a oralidade, mas que sua grande contribuição tem sido permitir a construção de uma fonte de pesquisa; fonte de características peculiares, mas sempre uma fonte. De minha parte, sem nenhuma modéstia, busco acompanhar e contribuir com essa discussão destacando o lugar da oralidade no trabalho com as entrevistas. Isso significa considerar a oralidade também como fenômeno histórico e que marca a fonte produzida sob as indicações da prática da produção de entrevistas. No caso da pesquisa sobre 1964 em Aquidauana, as entrevistas me levaram a utilização de outras fontes, que são os IPMs. Esse material também é extremamente rico e portador de uma lógica constitutiva própria. Destaco esse aspecto porque faço questão de distinguir que a noção de **fonte histórica**, principalmente desde os Anales, é muito mais ampla que a ideia de **documento**. Considero que o documento é um entre tantas outras fontes consultadas por historiadores e outros profissionais. Por que essa distinção? Porque ela exige que, ao lançar mão de um tipo de fonte, o historiador se preocupe com a fonte enquanto um fenômeno construído sob determinado contexto e a partir de um lugar histórico e que se livre da ingênua ideia de que a fonte, independente de qual seja o suporte, é o acontecimento histórico, ainda que toda fonte seja também uma ocorrência humana. Quero dizer que a fonte, na maior parte das vezes, é parte de um acontecimento, mas não é todo ele. E, neste cenário, a entrevista é fonte que encerra informações a respeito da experiência do entrevistado como também fiz*

respeito à memória – individual e coletiva –, o que torna o trabalho com esse tipo de fonte um exercício bastante desafiador.

PET: Por ser um dos primeiros pesquisadores no Mato Grosso do Sul (estamos certos?) a utilizar a História Oral em pesquisas acadêmicas, seus trabalhos e, especialmente, sua defesa da metodologia se tornaram foco de leitura e de questionamentos em um momento em que esta perspectiva ainda recebia muitas críticas no interior da academia, em especial pela História. Como você analisa o percurso da História Oral nas pesquisas sobre MT/MS e quais as perspectivas hoje? Você ainda entende como válido o debate em torno da “metodologia da História Oral” ou compreende ser uma questão superada?

Eudes Leite: *Acredito que parte da resposta a essa indagação está nos textos que escrevi a respeito da Metodologia da História Oral, como também se apresenta nos usos que fiz e faço da mesma. É possível que eu tenha sido um dos primeiros a empregar a metodologia em pesquisas, no contexto da chamada História Regional, em Mato Grosso do Sul, e, no meu caso, penso que ela esteve sempre relacionada aos temas de pesquisa que realizei e aos que venho desenvolvendo. Uma discussão absolutamente superada diz respeito à validade da metodologia ou das características negativas que as fontes orais supostamente possuiriam. Todo debate a respeito de Teoria ou Metodologia no campo das Humanidades é sempre importante; ao mesmo tempo, não tenho visto polêmica relevante em relação aos usos das fontes orais. Creio sim que a temática “oralidade”, relacionada ao método de produção de fontes, precisa ser mais bem discutida entre os historiadores oralistas; de minha parte, as preocupações a respeito desse item são encaminhadas com colegas da Literatura, principalmente.*

PET: No doutorado em História, concluído em 2000 com a tese *Marchas na História: Comitivas, condutores e peões-boiadeiros nas águas de Xarayes* (publicado pela UFMS em 2003), você mudou significativamente a linha de pesquisa, da História Política para a História Cultural e História Social dos trabalhadores no Pantanal. O que te levou a escolher este tema no doutorado e quais as proximidades e rupturas com relação à pesquisa anterior do mestrado?

Eudes Leite: *A mudança foi temática e resultou de dois movimentos: o primeiro se relacionou ao meu ingresso na UFMS, na condição de docente e por meio de concurso público, no Campus do Pantanal (Corumbá), em 1993; o segundo decorre de minha aproximação das leituras de caráter teórico, iniciadas ainda durante o Mestrado, ocasião em que tive maior contato com obras da historiografia francesa. Em 1994 eu terminei minha dissertação; em 1995 dei início a um projeto de pesquisa, cuja finalidade era produzir entrevistas, via a Metodologia da História Oral, com Pantaneiros, especificamente aqueles que trabalharam em fazendas de gado. Ao longo das gravações, descobri que muitos entrevistados trabalharam na condução de boiadas. Quando fiz uma das mais relevantes entrevistas, com um senhor chamado Raul Medeiros, percebi que estava se desenhando um novo tema de pesquisa. Esse projeto produziu uma dissertação de mestrado, na área de Letras, uma tese também nessa mesma área e a minha própria, no contexto da história cultural. Os trabalhos no campo da Teoria Literária foram escritos pelo professor Frederico Fernandes da UEL, parceiro de pesquisas e compadre, quem contribuiu diretamente para a realização das entrevistas e delas se beneficiou para a elaboração de seus trabalhos. Como se percebe, a minha “ruptura” (expressão pouco precisa, neste caso) com uma história de viés político é contrabalançada pela permanência e ampliação do emprego da metodologia da História Oral. Eu acredito que rompi sim com um marxismo pueril e missionário, adquirido na militância estudantil e na graduação, especialmente porque deixei de ver o mundo e seus fenômenos de forma binária e sempre antagônica: bons e maus, feios e bonitos, certos e errados, enfim bobagens desse tipo. Talvez esse comportamento não seja derivado do marxismo! E a realização de entrevistas me ajudou nessa etapa, especialmente quando se pensa o ato de entrevistar como um fenômeno produzido por, ao menos, duas pessoas; entrevista é também uma ocasião*

de entre-vestir um ao outro! Dessa forma, avalio que a abordagem dada ao tema, além das questões relacionadas às fontes, tem a ver com a natureza do tema e das minhas leituras no âmbito da História Cultural, cuja característica que sempre me seduziu é a relação com outros campos do saber. Nunca fui um historiador absolutamente crente na autonomia da História, embora reconheça a profundidade e a complexidade que ela, a História, conquistou em termos de avanços teóricos e metodológicos. Dessa pesquisa do doutorado, outros temas foram se apresentando, aos quais venho prestando alguma atenção nos trabalhos atuais.

PET: Fale das suas andanças pelo Pantanal em vista do trabalho de pesquisa e como é operar com a memória dos pantaneiros? Como você compreende a relação entre História e Memória na pesquisa histórica?

Eudes Leite: *Aprendi que o Pantanal é mais complexo do que a mídia faz parecer. Para realização de minha pesquisa, concentrei esforços na sub-região da Nhecolândia, próxima à Corumbá. Mas também estive, juntamente com pesquisadores da EMBRAPA, em Paiaguás, Rio Negro, Cáceres, Poconé. Essas sub-regiões possuem proximidades entre si, mas guardam também distinções e, como me interessavam as experiências vitais, ocupava-me em conversar e entrevistar com pessoas que ali nasceram, moravam, trabalhavam, enfim que possuíam ligações com o lugar. Algo que observei é que a relação tempo-espço no Pantanal não cabe no relógio, tampouco tem o mesmo sentido que nós adquirimos e reproduzimos no espaço urbano. O tempo pantaneiro é muito mais medieval. Trata-se de um tempo lento. O trabalho com as entrevistas possibilita acessar informações relativas a história de vida do entrevistado, neste caso do pantaneiro, permitindo que a região seja referida por pessoas – homens e mulheres – as quais raramente produzem algum tipo de escrito. As entrevistas se estruturam a partir de narrativas em cujo núcleo estão experiências de vida no lugar. O trabalho com a produção de fontes orais possui a característica de levar o pesquisador até a pessoa que tem algo a dizer, e para dizer, o entrevistado terá que se sentir seduzido a visitar suas lembranças, um ato profundamente introspectivo e intenso. O conteúdo da fonte oral é resultado do “trabalho da memória”, do esforço de construir, em forma de uma narrativa, um conjunto informativo vivido, ou mesmo, conhecido pelo entrevistado, o narrador. A memória narrada é informativa tanto quanto é construída a partir das lembranças retomadas, dos significados do que se lembra, das decisões sobre o que contar ou não, sobre esquecimentos; a memória é parte de uma história e integra a identidade do entrevistado. A memória é individual tanto quanto é coletiva já que os seres humanos vivem em sociedade, o que permite considerar que a memória do pantaneiro é parte de uma corrente representacional sobre pessoas e sobre a região. Penso que parte dessas observações está em alguns de meus trabalhos, mas principalmente no “Marchas na História”. Claro que concordo com as distinções entre a História e a Memória, mas lembro que nessa refrega, a História pretende ocupar o lugar da Memória.*

PET: Sua produção acadêmica apresenta, também, um diálogo bastante profícuo com a Literatura, especialmente a partir da perspectiva da narrativa. Como você se aproximou da Literatura e quais as contribuições dessa área para o conhecimento da história do MT/MS? Nesta perspectiva, nos conte ainda de sua parceria, de longa data, com o pesquisador Frederico Garcia Fernandes, na discussão da História, Literatura e Oralidade, pois sabemos ter constituído marcos em sua produção acadêmica e em outros lugares de produção da vida.

Eudes Leite: *É verdade; venho dialogando bastante com a Literatura, especialmente nos que se refere ao grau de historicidade que o texto literário e as personagens portam. Interessam-me conhecer os elementos, os componentes de caráter histórico que uma ou mais personagens portam, bem como identificar a dialogia entre o texto literário e o acontecimento histórico. Outro ponto importante nesta relação diz respeito à narrativa histórica enquanto criadora de verossimilhança, ocorrência da qual poucos historiadores se*

ocupam. Não se trata de ressuscitar a velha cantilena de que ficção e história são diferentes ou de que se trata de tentar equivaler duas formações intelectivas distintas. Nada disso! Trata-se de conhecer a presença das estratégias literárias no texto historiográfico, o que tem a ver com teoria e especialmente, metodologia. Na outra ponta, gosto de tentar compreender como alguns escritos literários sorvem personagens e corporificam toda uma trama. É estimulante pensar que o texto literário é um cosmo e que se estrutura com contribuições de características históricas, independente de “verdades factuais”. Resumindo: penso a dialogia história-literatura enquanto fenômeno e, igualmente, como produtora de objetos históricos. A parceria com o professor Frederico Fernandes teve início em Corumbá, quando orientei sua Iniciação Científica. Ele trabalhou com entrevistas que utilizei em minha dissertação de mestrado. Depois ele foi para o Mestrado, e continuamos trabalhando, agora na produção de entrevistas com pantaneiros, conforme mencionei. Depois ele retoma parte dessas entrevistas, associadas à outras fontes e produziu sua tese de doutorado em Letras. Desde essas atividades passamos a discutir e produzir textos e eventos em conjunto. Penso que para além das afinidades pessoais, a forma de pensar a produção do conhecimento facilita nosso trabalho. Aprendo muito com os trabalhos dele, bem como o considero um grande pesquisador. Atualmente há outros colegas da área de Letras com os quais produzo e discuto como é o caso daqueles que integramos a rede Centro-Oeste de Pesquisa em Arte e Cultura (Rede C03), ou do Portal de Poéticas Orais (<http://www.portaldepoeticasorais.com.br/site/?pg=home>), coordenado pelo professor Frederico. Creio que a parceria com o professor Frederico Fernandes me auxiliou muito a pensar determinados aspectos das relações entre a História e a Literatura, bem como a pensar uma entrevista como algo mais complexo e significativo que a noção de fonte história pode contemplar. Nesse aspecto, a noção de poética adquiriu lugar de relevo nos debates que tento realizar enquanto discuto com os alunos, especificamente na pós-graduação, e que certamente diz respeito ao trabalho do historiador.

PET: No que você tem se dedicado atualmente em relação à pesquisa? Conte um pouco a respeito de seu trabalho produzido no estágio Pós-Doutoral.

Eudes Leite: *No Estágio me foi possível adentrar ainda mais na problemática História e Literatura e estudar algumas obras do escritor Augusto César Proença. Debrucei-me, principalmente sobre o livro “Raízes do Pantanal: cangas e canzís” e o conto “Nesta poeira não vem mais seu pai”, conto que foi transformado em filme, a partir do roteiro escrito pelo próprio Augusto Proença. Para esta pesquisa, realizei entrevistas com o autor, em busca de compreender o processo de construção literária por ele realizado; objetivava “sacar” a metodologia de trabalho de um literato, principalmente flagrar as visitas que Proença fez à História para forjar suas personagens. Como as duas obras estão carregadas de Pantanal, foi possível demonstrar os caminhos do escritor no seu processo criativo. Os escritos de Proença se inserem numa larga tradição de produção de representações e de memória em cujo interior encontra-se a ação das famílias Barros e Gomes da Silva, as quais se instalaram na região Pantaneira (atual Nhecolândia) após a Guerra da Tríplice Aliança com o Paraguai. Nessa pesquisa também procurei estudar o texto de memória “Lembranças”, escrito por José de Barros. Esse pequeno livro é, segundo entendo, a gênese da memória dos “pioneiros” do Pantanal nhecolandense. Praticamente todos que escreveram sobre o Pantanal sul-mato-grossense bebem nas anotações de José de Barros. É um texto sedutor e rico, seja em suas informações explícitas, seja na sua estrutura narrativa. Considero que ainda não concluí essa pesquisa, pois há outros aspectos da formação de uma representação memorativa sobre o Pantanal sul-mato-grossense que não finalizei e se relaciona exatamente com a proliferação de escritos sobre o Pantanal – de conteúdos, estilos e interesses distintos – e que ocorrem no rastro da representação do pioneiro grafada no “Lembranças”. Importa-me nesta etapa inconclusa, os escritos “menores”, ou seja, aqueles feitos e impressos por pessoas que não se entendem como escritores, mas que por um motivo ou outro decidiram escrever sobre algo relacionado ao Pantanal. Há um conjunto expressivo de memórias a respeito do Pantanal, o que me leva a pensar na “memória*

endógena”. O mais expressivo desses casos são os escritos do poeta Manoel de Barros. A família Barros sempre foi um grupo amplamente fértil na produção de memória. Aliás, até onde conheço, esse é um caso peculiar aos que descendem dos colonizadores da Nhecolândia; não se verifica algo similar em outras regiões pantaneiras. Ao mesmo tempo, estou estudando assuntos relacionados à Fronteira: no momento estou pesquisando a figura do General Resquín, um militar paraguaio que visitou algumas áreas pantaneiras, em 1863, na condição de espião e, depois retornou na condição de comandante das forças terrestres paraguaias e que adentram o Mato Grosso, por Bela Vista, no final de 1864. Aqui tem-se o encontro da História e da Literatura, pois Resquín aparece, nas suas andanças de espião, num romance chamado “...Aquele Mar seco”, escrito por Rogério de Camargo e publicado em 1955. Persigo entender como a personagem literária foi construída, ou seja compreender as relações do livro “... Aquele Mar seco” com a História pantaneira e, na mesma toada, compreender a personagem histórica Francisco Resquín no contexto da invasão paraguaia ao Mato Grosso. Como se pode perceber, permaneço um refém intelectual do Pantanal!

PET: A partir da sua experiência como formador de professores e de pesquisadores em História, e olhando para a vida acadêmica e profissional de seus alunos, é possível fazer uma avaliação do campo da História no MS, da formação e da atuação profissional? Quais os desafios da área do ensino e da pesquisa em História no MS?

Eudes Leite: *Desde meu ingresso na universidade, o campo histórico se modificou profundamente. Basta pensar na quantidade de cursos de história existente no Mato Grosso do Sul e, na mesma direção, observar que a maior parte do corpo docente desses cursos é composta por Mestres e Doutores em História. O campo histórico atual, em Mato Grosso, começou a ser formado no final dos anos 1960. Isso significa dizer que o campo histórico em nosso estado acompanhou o que se verificou no Brasil como um todo. Temos um campo profissionalizado. Ao mesmo tempo, temos um conjunto infinito de questões a serem pesquisadas, mas também creio que há problemas a serem enfrentados. Um deles diz respeito à necessidade de a rede escolar, pública ou privada, valorizar seus docentes portadores de títulos de mestre e doutor. Um segundo aspecto tem a ver com a necessidade de que os historiadores encontrem espaços de atuação que vá além das salas de aula e isso passa pelo reconhecimento da profissão, como também pela necessidade de implantação de arquivos que favoreçam o trabalho historiador em suas pesquisas. Ao todo, acredito que a demanda maior é pelo reconhecimento social do historiador, reivindicação que pode ser reivindicada por outros profissionais. Refiro-me ao lugar formado pela sociedade e pelas instituições. A título de exemplo, vejo que muitos de nossos estudantes na graduação demonstram grandes dificuldades em desenvolver algum tipo projeto na área, e não estou me referindo a projetos acadêmicos, mas projetos pessoais também.*

PET: Até o tempo presente quais temas não foram abordados, ou foram pouco tangenciados, e que merecem atenção dos pesquisadores em História no MT/MS?

Eudes Leite: *Penso que há temas que estão sendo tratados, mas que ainda proporcionam “oportunidades” de pesquisa, como as relações estabelecidas entre o colonizador europeu/brasileiro e os indígenas; as relações entre as sociedades que passaram a habitar as áreas de fronteiras; as diversas frentes de colonização, sejam as induzidas, sejam as “voluntárias”; o processo de implantação da reforma agrária enquanto produção de um novo espaço rural; o processo de domesticação da natureza mato-grossense; as práticas culturais do ilícito no ambiente de fronteira. Esses são alguns dos temas - e que podem ser desdobrados – possíveis de serem enfrentados; não são os únicos com certeza.*

PET: Qual(is) livro(s) um estudante que se interessa pela História do MT/MS não poderia deixar de ler?

Eudes Leite: Bem, é uma pergunta difícil de responder em absoluto, mas no campo da sugestão, creio que “Extremo-Oeste” e “Monções”, de Sérgio Buarque de Hollanda são indispensáveis. “Coronéis e Bandidos em Mato Grosso” e “Fronteira Oeste”, de Valmir Corrêa, “As curvas do trem e os meandros do poder; o nascimento da estrada de ferro Noroeste do Brasil”, “Uma ferrovia entre dois mundos”, de Paulo Cimó Queiroz; “Estrada Móvel, Fronteiras incertas”, de Vitor Wagner de Oliveira; “História e Fronteira”, de Lúcia Salsa Corrêa; “Guató, Argonautas do Pantanal”, de Jorge Eremites de Oliveira; “Sertão Cosmopolita”, de João Carlos de Souza; “Um porto para o Pantanal, a fundação de Aquidauana: civilização e dependência”, de Joana Neves; “Cativos do Sertão”, de Luiza Volpato; “Frutos da Terra, os trabalhadores da Matte Larangeira”, de Gilmar Arruda; “História de um país inexistente”, de Maria de Fátima Costa; “Maldita Guerra”, de Francisco Doratioto; “A pecuária bovina”, de Paulo Esselin; “Mato Grosso do Sul: a construção de um estado”, de Marisa Bitar; “História de Mato Grosso”, de Vírgilio Corrêa Filho; “Lídia Baís”, de Alda Couto; “A Retirada da Laguna”, do Taunay; “Areôtorare, sarobá”, de Lobivar Matos; “Selva Trágica”, de Hernâni Donato; “Silvino Jacques, o último dos bandoleiros”, de Brígido Ibanhes; “Raízes do Pantanal”, de Augusto Proença, são títulos e autores de referência. Certamente outros títulos e autores podem e devem ser acrescentados à essa lista. Lembro, por exemplo das revistas de caráter acadêmico que veem sendo publicadas nas últimas décadas, em Mato Grosso do Sul, portadoras de muitos artigos relevantes, sem esquecer o conjunto de mais de 120 dissertações de Mestrado em História, defendidas no Programa de Pós-graduação da UFGD. E é possível que existam outros escritos e outros pesquisadores que, infelizmente, por esquecimento ou desconhecimento não citei, mas que deveriam ser lidos.

PET: Professor, muito obrigado pela colaboração. Para encerrar, gostaríamos de saber quais são seus planos para o futuro próximo, projetos e trabalhos a serem publicados?

Eudes Leite: Pretendo continuar trabalhando, fazendo o que aprendi a fazer na condição de professor e pesquisador. Nesse sentido, quero dar continuidade às pesquisas que realizo, além de contribuir por mais algum tempo para a formação de historiadores.

Respondida via e-mail em 07.08.2014